



Eixo 1 - Não deixar ninguém para trás

## Biblioterapia Crítica e os limites da gramática do apaziguamento

*Critical Bibliotherapy and the Limits of the Grammar of Appeasement*

**Karin Vanelli** – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –  
karin.vanelli@udesc.br

**Daniella Camara Pizarro** – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –  
daniella.pizarro@udesc.br

**Resumo:** Com quais discursos se constitui a Biblioterapia no Brasil? Que formas de cuidado, sofrimento e subjetividade sua gramática produz? Este estudo analisa a constituição discursiva da Biblioterapia brasileira, com ênfase na obra de Clarice Caldin, à luz da Teoria Crítica da Informação. Por meio de análise transgramática da linguagem, identifica microgramáticas orientadas ao apaziguamento emocional, à racionalidade instrumental da leitura e à mediação ingênua. Argumenta-se que essas configurações despolitizam o sofrimento e restringem o potencial emancipatório da práxis. Em contraposição, propõe-se a Biblioterapia Crítica como horizonte discursivo comprometido com estranhamento, mediação consciente e elaboração crítica da realidade.

**Palavras-chave:** Biblioterapia Crítica. Teoria Crítica da Informação. Mediação literária. Produção social dos afetos. Emancipação.

**Abstract:** What discourses shape Bibliotherapy in Brazil? What forms of care, suffering, and subjectivity emerge from its grammar? This study examines the discursive constitution of Brazilian Bibliotherapy, focusing on the work of Clarice Caldin through the lens of Critical Information Theory. Drawing on transgrammatical language analysis, it identifies microgrammars structured around emotional appeasement, instrumental views of reading, and naïve mediation. The article argues that such configurations depoliticize suffering and constrain the emancipatory potential of praxis. In response, it proposes Critical Bibliotherapy as a discursive horizon grounded in estrangement, conscious mediation, and critical engagement with reality.

**Keywords:** Critical Bibliotherapy. Critical Information Theory. Literary Mediation. Social Production of Affects. Emancipation.



## 1 INTRODUÇÃO

Com quais discursos se constitui a Biblioterapia no Brasil? Com qual gramática ela se enuncia no campo científico? Em que medida essa gramática limita ou potencializa seu alcance emancipatório? Partindo do pressuposto estabelecido pelos estudos da Teoria Crítica da Informação de que os espaços discursivos condicionam sua práxis (Saldanha, 2012, 2014), coloca-se em questão a base epistemológica da Biblioterapia, frequentemente compreendida como cuidado do ser por meio do livro e da leitura (Caldin, 2010). Em linhas gerais, este estudo analisa a constituição discursiva da Biblioterapia no campo da Ciência da Informação e suas implicações políticas nas práticas contemporâneas de cuidado.

No contexto do Antropoceno, ancorado em racionalidades neoliberais de produtividade, o sofrimento psíquico é despolitizado e convertido em responsabilidade individual, enquanto o cuidado é capturado como dispositivo de adaptação e manutenção da produtividade, silenciando as questões estruturais do mal-estar (Safatle, 2020). É nesse hiato que se situam práticas como a biblioterapia, que, ao emergirem nessa racionalidade, podem reproduzir sua lógica adaptativa

A partir dessas inquietações, o estudo articula Biblioterapia e Teoria Crítica da Informação (TCI) a partir de uma abordagem conceitual e crítica orientada pelas contribuições da crítica da linguagem nos estudos críticos da Ciência da Informação. Busca-se: a) identificar microgramáticas e formações discursivas (Saldanha, 2012, 2014) presentes na literatura brasileira de Biblioterapia, especialmente na produção de Clarice Caldin; b) analisar criticamente esses discursos sob as lentes da TCI, observando em que medida reproduzem imperativos miméticos de adaptação sistêmica ou produzem potencial emancipatório; e c) propor a Biblioterapia Crítica como horizonte discursivo.

As reflexões aqui apresentadas integram pesquisa de mestrado em andamento no PPGINFO/UDESC, vêm sendo discutidas em espaços acadêmicos e profissionais da área, como na palestra “Visão Social do Sofrimento Psíquico e a Biblioterapia” (Vanelli, 2024), apresentada no I Fórum de Biblioterapia no Brasil, e em atividades formativas junto ao curso de especialização em Biblioterapia da Unochapecó, em 2025. Ao sistematizar essas discussões, o artigo insere a proposição da Biblioterapia Crítica no debate científico como categoria analítica vinculada ao presente projeto de pesquisa.



## 2 ANÁLISE TRANSGRAMÁTICA DA BIBLIOTERAPIA

Esta pesquisa adota abordagem qualitativa de natureza teórico-exploratória, orientada pela análise discursiva no campo da Ciência da Informação. Como eixo metodológico, mobiliza-se a crítica da linguagem fundamentada nas transgramáticas de Saldanha (2012, 2014), deslocando a análise da definição da Biblioterapia para os modos pelos quais sua linguagem orienta a práxis.

O procedimento analítico organiza-se em três movimentos. No primeiro, constitui-se o espaço discursivo da Biblioterapia a partir do mapeamento de sua literatura de referência no Brasil, com ênfase na obra de Clarice Caldin, em articulação com os aportes da Teoria Crítica da Informação. Os referenciais teóricos são vinculados, integrando fundamentação à análise discursiva. No segundo movimento, identificam-se microgramáticas metadiscursivas relacionadas às concepções de sujeito, leitura, mediação, sofrimento e cuidado. A análise incide sobre recorrências vocabulares, estruturas argumentativas e arranjos conceituais, vinculada ao conceito de imperativo mimético (Saldanha, 2012) como chave interpretativa. O terceiro movimento consiste na síntese transgramática, realizada a partir do confronto entre as configurações discursivas identificadas e os aportes da Teoria Crítica, sustentando a proposição da Biblioterapia Crítica como categoria analítica.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1 Biblioterapia tradicional e a Microgramática do Apaziguamento

A constituição da Biblioterapia enquanto campo pode ser compreendida como a formação progressiva de um regime discursivo que organiza a leitura como prática de cuidado. Em uma formulação inicial, Samuel Crothers, em 1916, associa leitura e autocultura ao aperfeiçoamento moral de sujeitos sobrecarregados (Miller, 2018). Posteriormente, a incorporação do termo às práticas de leitura em contextos hospitalares durante os períodos de guerra (Alves, 1982 *apud* Caldin, 2001; Bortolini; Silva, 2016) aproxima a Biblioterapia dos procedimentos clínicos. Essa aproximação é presente, em alguma medida, em Caroline Shrodes (1949 *apud* Caldin, 2001), que, partindo de pressupostos psicanalíticos como identificação e catarse, consolida a leitura como experiência dinâmica onde esses mecanismos operam.



No Brasil, essa configuração é reorganizada na obra de Clarice Caldin, cuja relevância no campo é apontada por levantamentos panorâmicos (Rezende; Bedin, 2023; Grieger; Pizarro, 2023). Sua obra segue os fundamentos Aristotélicos e Freudianos apresentados em Shrodes, trazendo identificação, catarse, projeção e introjeção como componentes da prática. Caldin categoriza a biblioterapia em modalidades como a clínica e a de desenvolvimento, esta última objeto do presente estudo. Os termos “acolher”, “acalmar”, “apaziguar”, “aliviar”, “sedar” e “equilibrar” aparecem recorrentemente para nomear suas finalidades (2001; 2002; 2009; 2010). Para Caldin (2001), a Biblioterapia distingue-se das abordagens pedagógicas e sociais por privilegiar a catarse, o consolo, o entretenimento e o envolvimento emocional com a narrativa, enquanto aquelas mantêm compromisso formativo ou de engajamento social.

A progressão histórica do corpus evidencia continuidades discursivas que atravessam diferentes momentos da constituição da Biblioterapia. Desde Crothers, observa-se uma estrutura argumentativa centrada na leitura como instrumento de ajuste e aprimoramento individual. Nos contextos hospitalares e em Shrodes, a leitura passa a operar como intervenção psíquica, consolidando sua função terapêutica. Nesse percurso, o sofrimento é progressivamente delimitado como vivência interna do sujeito, passível de elaboração no encontro com o texto.

No enquadramento de Caldin há uma síntese desses pressupostos, sendo a leitura mobilizada como mediação de reorganização subjetiva. O leitor compreendido em sua dimensão individual, em situação de sofrimento ou desequilíbrio emocional, havendo uma atenção ao seu desenvolvimento. O vocabulário em uso na sua obra, amplamente reproduzido na literatura posterior, orienta a práxis à regulação emocional e à positividade, “as brincadeiras, o riso e o senso de humor permeiam as sessões de biblioterapia” (Caldin, 2010, p. 189) sendo reiterada a valorização do prazer, do entretenimento e de narrativas leves e agradáveis (Caldin, 2002). Ao diferenciar-se da prática clínica, e distanciar-se das pedagógicas e sociais, a Biblioterapia firma campo na ciência da informação e reforça sua vinculação a efeitos terapêuticos observáveis no sujeito. Esses referenciais e modos de enunciação nos permitem situar a obra de Caldin como ponto de convergência de uma forma de compreender e praticar a Biblioterapia.

Observa-se a formação de uma microgramática do apaziguamento (Saldanha, 2012), marcada pela adaptação afetiva dos sujeitos à sociabilidade. Incide, nesse ponto,



o imperativo mimético (Saldanha, 2012), entendido como tendência à reprodução dos modos operantes vigentes. Em vez de tensionar criticamente as estruturas produtoras de afeto, de sofrimentos, a gramática tradicional da Biblioterapia tende a reiterar a racionalidade neoliberal em que a responsabilidade pelo bem estar é do indivíduo. Daí emerge a necessidade de uma reconfiguração discursiva da prática biblioterapêutica, associada aos referenciais críticos da Ciência da Informação (Bezerra; Schneider; Saldanha, 2019), nos quais a atuação da pessoa bibliotecária não pode ser concebida como neutra, mas implicada na leitura crítica das estruturas de poder.

### **3.2 Coisificação da Leitura e do Leitor**

Um segundo eixo analítico refere-se à instrumentalização da prática biblioterapêutica e aos modos como a mediação é discursivamente configurada. Ainda que Caldin e outros pesquisadores destaquem a biblioterapia praticada por profissionais da saúde daquela desenvolvida por bibliotecários e outros mediadores, emergem, mesmo na ciência da informação, expressões associadas à lógica clínica, como a exigência de um “diagnóstico bem estruturado para a aplicabilidade do tratamento” (Gusmão; Sousa, 2020), e visões da biblioterapia como uma prática leitora coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais. Quando Caldin (2010, p.44) afirma que “o aplicador de biblioterapia em momento algum se intitula terapeuta”, ainda assim, essa e aquela formulação instauram uma terminologia de matriz clínica no campo.

À luz da tradição crítica da Escola de Frankfurt, especialmente das discussões sobre reificação e racionalidade instrumental (Adorno, 1995), esses discursos podem implicar na coisificação do cuidado, reduzindo a experiência humana à lógica da intervenção técnica, alienando o sujeito das condições objetivas, históricas e sociais, que produzem o sofrimento. Percebe-se uma microgramática que reduz o bibliotecário a um aplicador, o leitor em paciente, a leitura um medicamento e a biblioterapia um tratamento que apazigua. O foco deixa de estar na experiência estética e reflexiva da leitura para sua funcionalidade técnica.



### 3.3 Mediação despolitizada

No plano da mediação, a prática é descrita como mediação afetuosa da literatura, conduzida por sujeitos sensíveis e amantes da literatura (Sousa, 2021), em que “o cuidado com o ser se manifesta na criação de um ambiente caloroso, em que o aplicador de biblioterapia oferece sua simpatia ao público” (Caldin, 2010, p. 188). Esse arranjo conceitual opera a mediação literária como gesto afetuoso de acolhimento, desvinculada de perspectivas onde afetos não são experiências meramente individuais, interiores ou psicológicas, mas dispositivos socialmente produzidos e politicamente organizados (Safatle, 2020). Corroborando com esse contraste a perspectiva politicamente afetuosa de Paulo Freire (1996), para quem a esperança precisa ser mobilizada como um vetor social.

Esse enquadramento contrasta também com perspectivas críticas da Ciência da Informação, como as de Oswaldo Almeida Júnior (2019) e Henriette Ferreira Gomes (2020), que compreendem a mediação não como um gesto neutro ou meramente empático, mas como ação consciente e implicada na produção de sentidos, o mediador como agente político de mediação. O discurso da Biblioterapia Tradicional deste modo, privilegia uma experiência afetiva despolitizada, centrada em uma mediação inconsciente, do ponto de vista crítico, que limita as possibilidades de problematização da realidade. Essa hipótese não implica negar a relevância das práticas biblioterapêuticas, mas evidencia tensões constitutivas entre diferentes modos de compreender a leitura, a mediação e o sujeito no campo. Se por um lado o afeto humaniza a prática, por outro, ele pode operar em um nível de inconsciência política.

### 3.4 Biblioterapia Crítica: do apaziguamento ao estranhamento

A análise das microgramáticas discursivas da Biblioterapia Tradicional e a incidência de seu imperativo mimético apontam para a formulação de uma Biblioterapia Crítica, promovendo um rearranjo do cuidado, que se distancia do apaziguamento emocional para se aproximar da elaboração crítica da realidade por meio da leitura.

No âmbito da Teoria Crítica da Informação, tal compreensão não é inédita. A Bibliopsicologia de Nikolai Roubakine, retomada por Saldanha (2014), já definia a psicologia bibliológica como estudo das relações entre livro, sujeito e meio social, entendendo a leitura como experiência condicionada historicamente e a mediação



como prática de transformação. Formulada sob a violência do regime czarista, sua proposta atribui à leitura potencial emancipatório. Distinta da Biblioterapia Tradicional, permanece, contudo, vinculada a uma ética do cuidado orientada ao fortalecimento da resistência subjetiva. Em Adorno (1995), a emancipação implica resistência às formas de adaptação e isso instaura um movimento de autorreflexão crítica. A leitura deixa, então, de operar apenas como alívio para constituir espaço de desestabilização produtiva, capaz de produzir deslocamentos interpretativos, no qual o sujeito é convocado a confrontar as determinações históricas de sua existência.

A Biblioterapia Crítica amplia essa compreensão da leitura e de seus efeitos. Se, na microgramática tradicional, ela opera de forma sedativa sobre um sujeito alheio às forças que produzem seu sofrimento, aqui passa a ser concebida como prática social situada, retomando, em alguma medida, a proximidade com abordagens pedagógicas de raiz freireana. Em Freire (1996), a leitura é indissociável à leitura de mundo e à busca de uma consciência que se opõe às formas ingênuas e mágicas de apreensão da realidade. Nessa perspectiva, o cuidado move-se do apaziguamento para o esclarecimento crítico, sem anular a dimensão individual da experiência, pois justamente considera que o social lhe atravessa a subjetividade. É nessa intersecção que a Biblioterapia Crítica propõe sua atuação.

Essa ampliação que propõe a Biblioterapia Crítica, na qual perceber-se implica reconhecer as condições sociais da própria existência, encontra ressonância em Walter Benjamin (1987), especialmente em suas reflexões sobre a crise da experiência e da narração na modernidade. Em contextos marcados pela fragmentação do vivido e pela perda da capacidade de narrar a própria experiência, a leitura pode operar como espaço de rearticulação de sentidos e da realidade, como exercício de construção compartilhada de horizontes.

Ao incorporar a dimensão política dos afetos, assumindo que sociedades produzem circuitos afetivos que nos levam à adotar certas possibilidades de vida a despeito de outras, e que tanto a superação dos conflitos psíquicos quanto as possibilidades de emancipação política pedem transformações na maneira pela qual os sujeitos podem ser afetados (Safatle, 2020), a prática biblioterapêutica desloca-se de uma lógica de alívio para uma práxis orientada à conscientização, na qual o sujeito é reconhecido como agente capaz de interpretar e transformar sua realidade.



#### 4 BIBLIOTERAPIA CRÍTICA COMO HORIZONTE

As análises aqui desenvolvidas permitiram compreender a Biblioterapia não apenas como prática de leitura voltada ao cuidado, mas como campo discursivo atravessado por concepções específicas de sujeito, sofrimento, cuidado e mediação. A análise das microgramáticas presentes na literatura brasileira da área, especialmente na obra de Clarice Caldin, evidenciou a recorrência de uma gramática orientada ao apaziguamento emocional, à regulação e à adaptação do sujeito, vinculada ao que Saldanha (2012) denomina imperativo mimético. Sob essa lógica, a leitura tende a operar como instrumento de reorganização individual do sofrimento, dissociado de seus atravessamentos históricos e sociais.

À luz da Teoria Crítica da Informação, o estudo identificou limites epistemológicos na configuração tradicional da Biblioterapia, especialmente na redução do cuidado ao ajustamento emocional subjetivo, na instrumentalização técnica da leitura e na centralidade de uma mediação afetuosa e despolitizada. Não se trata de negar a relevância das práticas biblioterapêuticas consolidadas no campo, mas de explicitar as racionalidades que orientam sua práxis, seus discursos e efeitos.

É nesse contexto que a noção de Biblioterapia Crítica é proposta como categoria analítica para a Ciência da Informação que permite interpretar criticamente os regimes de leitura, afeto e subjetivação presentes em enunciados biblioterapêuticos, e como um horizonte discursivo orientado pela compreensão de que o cuidado mediado pela leitura não se esgota na promoção do bem-estar, mas pode constituir-se como espaço de estranhamento e elaboração crítica.

Ao incorporar a dimensão política dos afetos, a Biblioterapia Crítica distancia-se de uma lógica pautada no alívio emocional para uma práxis comprometida com emancipação e consciência crítica. Os afetos deixam, assim, de ser compreendidos como fenômenos exclusivamente individuais para serem reconhecidos como produções históricas, sociais e políticas (Safatle, 2020). Nesse movimento, o artigo busca situar a Biblioterapia Crítica como possibilidade teórico-discursiva de abertura e tensionamento do campo.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 15 maio. 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2023.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. 1).

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M.; SALDANHA, Gustavo Silva (org.). **iKritika**: estudos críticos em informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BORTOLIN, S.; SILVA, S. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 1, 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da ufsc: uma experiência. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis/SC, Brasil, v. 7, n. 14, p. 38–54, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n14p38>. Acesso em: 15 maio. 2026.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: a leitura como cuidado. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como terapia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 33-44, jan./jun. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação como categoria dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047>.

GUSMÃO, K. M.; SOUZA, J. G. A biblioterapia como prática do bibliotecário clínico no tratamento de transtornos mentais. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 35-51, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Normas de apresentação tabular**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. Disponível em:



<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/normastabular.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2026.

MILLER, Jesse. Medicines of the Soul: Reparative Reading and the History of Bibliotherapy. **Mosaic: an interdisciplinary critical journal**, v. 51, n. 2, p. 17-34, jun. 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

SALDANHA, Gustavo Silva. **Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas**. 2012. 439 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, IBICT, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

SALDANHA, Gustavo Silva. Transgramáticas: filosofia da Ciência da Informação, linguagem e realidade simbólica. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2014. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/296/296>. Acesso em: 15 maio. 2026.

SALDANHA, Gustavo Silva. Raízes de uma teoria da mediação psicossociológica em Ciência da Informação: a questão do “imediate” e do “mediate” em Nicolas Roubakine. **Infor**, Montevideo, v. 29, n. 2, e201, 2024.

SOUSA, Carla. **Biblioterapia de desenvolvimento: a leitura afetiva**. [S.l.], [s.n.], 2021.

VANELLI, Karin. **Visão social do sofrimento psíquico e a Biblioterapia**. Palestra apresentada no 1º Fórum Nacional de Biblioterapia, 2023, Florianópolis. YouTube, 04 de julho 2023. 1 vídeo (1:31h). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LdepWVnyUzI>. Acesso em: 15 maio. 2026.

